

Histórico da obra:

Idealizado por Celso Sim e Anna Ferrari, com a colaboração dos compositores e arranjadores Pepê Mata Machado e Wilson Sukorski, e do cineasta Luiz Cruz. Penetrável Genet é o texto de Hélio Oiticica, “OTO SOUZA MATTOS”, transformado em réquiem tropicalista, musicado por sugestão e pedido do diretor e dramaturgo Zé Celso Martinez Correa, em 1997.

Em 2011, o texto foi gravado, violão e voz, para o filme Hélio Oiticica, de Cesar Oiticica Filho.

A partir da leitura do texto de Jean Genet, “Estranha Palavra... Urbanismo”, nasceu o projeto de ocupação artística de um cemitério com este réquiem, realizado através de parcerias entre os artistas idealizadores e a X Bienal de Arquitetura de São Paulo, com o financiamento, apoio, participação e colaboração da Secretaria de Estado da Cultura SP, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania SP, Serviço Funerário Municipal SP, Comissão da Anistia do Ministério da Justiça, Comissão Nacional da Verdade, Núcleo de Preservação da Memória Política, Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva e do Deputado Estadual Adriano Diogo.

Em 3 de novembro de 2013, data original de abertura do Penetrável para o público, um crime hediondo, ainda não esclarecido, foi cometido no Ossário Geral, depositário provisório dos restos mortais de 1049 pessoas desaparecidas entre os anos de 1971-4, descobertos em 1992 (em local conhecido como Vala Clandestina de Perus). O edifício foi escolhido para ser sede da obra: um labirinto com monolitos de mármore.

Os criminosos invadiram o Ossário Geral na madrugada posterior ao dia de finados, derrubaram e estraçalharam dois dos 5 monolitos de 600 quilos, devassaram três gavetas, retiraram os ossos humanos ali guardados e os espalharam pelas ruas do cemitério.

Em dois dias os artistas redesenharam a obra do labirinto, onde eram projetados 6 pequenos filmes de quasi-cinema, elaborados com arquivos audiovisuais históricos de Hélio Oiticica, dos cineastas e fotógrafos Ivan Cardoso e Andreas Valentim; imagens da abertura da Vala Clandestina de Perus, do documentarista João Godoy, entre outras imagens e arquivos utilizados.

No dia 5 de novembro a obra foi inaugurada com a presença de integrantes da Comissão Nacional da Verdade, Comissão da Verdade Estadual Rubens Paiva, curadores da X Bienal de Arquitetura, políticos, artistas, familiares de desaparecidos políticos, policiais e imprensa.

A obra teve uma estrondosa exposição midiática nas páginas policiais e políticas dos principais jornais e revistas do Brasil, tradicional e alternativa, real e virtual. Quase nenhuma repercussão nas páginas de artes, apesar de ser a primeira ocupação artística de um cemitério desde o Egito antigo. Mais de 1.000 pessoas visitaram a obra durante os 40 dias em que ela esteve penetrável e isso só foi possível através do impacto artístico que os participantes compartilhavam no boca a boca real e virtual das redes sociais.

Foram realizadas dezenas de gravações das 5 sessões

diárias, assim como entrevistas e depoimentos com os participantes. Alguns destes depoimentos fazem parte da cinexperiência e da investigação sobre a arte brasileira e sobre o crime ocorrido: Maria Rita Kehl, Fernando Vilela, Laymert Santos, Leonarda Glück, são alguns dos depoimentos. Textos escritos por Ivan Seixas (Vala Clandestina de Perus), Guilherme Wisnik (A vida é osso) e José Miguel Wisnik, e arquivos audiovisuais de parceiros que visitaram a obra, e do programa Metrópolis da TV Cultura, que registrou a obra antes e depois do crime, e que também farão parte da cinexperiência.

Texto de Guilherme Wisnik, A Vida é Osso:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/138210-a-vida-e-osso.shtml>

Penetrável Genet é uma obra de arte urbana, feita por Celso Sim e Anna Ferrari. Uma obra de múltiplos sentidos, atravessada pela história violenta do Brasil de ontem e de hoje, vandalizada na madrugada anterior à sua abertura, dia 03/11, não se sabe ainda por quem. Ela nasce da conjunção poética e inesperada entre dois textos carregados de violência estética. Um do escritor francês Jean Genet, que instiga à ocupação artística dos cemitérios como um grande ato teatral, e outro do artista brasileiro Hélio Oiticica, um réquiem que reflete sobre a morte e a ressurreição a partir da descrição de um cadáver com as narinas cheias de cocaína.

A obra-experiência começa na entrada do cemitério do Araçá, como um percurso sonoro que nos conduz ritualmente para a entrada no grande labirinto, um “quasi-cinema” – na expressão de Oiticica – situado no

interior solene e sombrio do Ossário Geral do lugar. Ocorre que é exatamente ali que estão depositados os ossos dos desaparecidos políticos que estavam na vala comum de Perus. Sublime e sagrado, o trabalho se tornou um feixe de significações políticas de alta voltagem, num país em que casos recentes como o de Amarildo não nos deixam esquecer que o desaparecimento de pessoas não é uma prática que ficou perdida nos tempos da ditadura.

Os agressores sem nome quebraram enormes blocos de mármore, pixaram outros, e espalharam ossos pelas alamedas do cemitério. Dois dias depois, quando o trabalho finalmente abriu à visitação, as pessoas cumprimentavam os artistas como se estivessem em um velório. Simbolicamente, eles se tornaram o nosso elo tangível com todos aqueles mortos anônimos.

Como curador da 10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, que tem nesse trabalho uma de suas ações mais agudas e penetrantes, sinto ao mesmo tempo o golpe da brutalidade e a potência reveladora de termos tocado naquilo que não pode mais se calar. A cidade não é neutra nem amorfa. O “museu é o mundo”, como queria Hélio. A vida é osso, e temos que abrir espaços de luta para sobreviver. Luta santa, cuja força é a consciência da fragilidade. A fragilidade da morte. A fragilidade da arte.

Texto de Zé Miguel Wisnik: Cidades, Fantasmas:
<http://oglobo.globo.com/cultura/cidades-fantasmas-10725338?topico=Jose-Miguel-Wisnik>

Cidades, fantasmas

A Bienal de Arquitetura de São Paulo e os modos de fazer e de usar uma cidade

A X Bienal de Arquitetura de São Paulo, que atravessará o mês de novembro, se espalha por vários pontos da cidade, sendo os principais o Centro Cultural Vergueiro, o Museu da Casa Brasileira, o Masp, o Centro Universitário Maria Antonia, o Minhocão, o Sesc Pompeia. Cada um desses lugares, entre outros, abriga exposições e programações de debate, cinema, música. O tema geral é “Cidade: modos de fazer, modos de usar”. Modos de agir, de habitar, de atravessar, de negociar, de colaborar, de encontrar, de fluir. Cidades que se tornaram o fantasma da industrialização e do automóvel, como Detroit, ao lado de cidades fantasmáticas como as pré-fabricadas que se constroem na China investindo num lucro a vir (cidades-fantasma do passado e do futuro). A construção de Brasília, cidades crescentes recentes no Nordeste do Brasil, moradias inusitadas, moradias indígenas, cidades-enchentes de automóveis, cidades travadas, cidades desejadas, projetos de intervenção por novos arquitetos. Se percorridos, esses pontos interligados pelo transporte de massa, tendo por espinha dorsal o metrô, fazem o visitante aflorar e mergulhar de volta, a cada passo, na cidade real que é a questão.

Como um autêntico habitante de São Paulo, ainda não fui capaz de estar em tantos lugares, tudo ao mesmo tempo agora. Mas no Masp, por exemplo, encontram-se os arquitetos do chamado “brutalismo paulista” que trataram os espaços íntimos da habitação como espaço público (Artigas e Paulo Mendes da Rocha) com artistas como Hélio Oiticica, que trataram o espaço público do museu como espaço íntimo de habitação. Ou como Cildo

Meireles, que tomou objetos de trânsito público como cédulas de dinheiro e garrafas de Coca-Cola para suporte de intervenções políticas anônimas em tempo de ditadura. Ou Lina Bo Bardi, a criadora do próprio Masp, e suas parcerias com Zé Celso (o cenário de “Na selva das cidades” feito com dejetos produzidos pela construção do Minhocão na zona do Bexiga).

Em suma, tudo isso, até aqui, é a cidade viva tomando contato com a cidade viva, entendida como um “lugar de conversas”, na definição de Paulo Mendes da Rocha. Participei junto com ele de uma das atividades paralelas da Bienal, na pequena e notável Casa de Francisca, a casa de shows que se tornou uma das referências para a música que emergiu em São Paulo nos últimos tempos. A proposta foi conversar sobre arquitetura e música numa fala entremeada de canções. Ele é uma pessoa, um arquiteto e um pensador fascinantes. E uma cidade realmente grande é aquela que consegue fazer grandes seus pequenos espaços culturais (faltam mais desses).

Não temo que o fato de meu filho, o historiador e crítico da arquitetura Guilherme Wisnik, estar diretamente envolvido na concepção e na condução do evento ponha essas linhas que escrevo sob a suspeição de algum nepotismo crítico. A escala da pessoalidade e da autoralidade está largamente ultrapassada, aqui, pela dimensão urbana e coletiva do evento, bem como pela extensão irradiada dos acontecimentos que ele precipita. Como o acontecimento recente que me decidiu a escrever sobre este assunto. Trata-se do seguinte.

No contexto da Bienal, o Cemitério do Araçá foi objeto de uma outra proposta de instalação artística, por Celso Sim e Anna Ferrari, instigada por sua vez pelo texto de Jean Genet que convida à ocupação solene, teatral, dos

cemitérios. O “Penetrável Genet” leva a um devaneio guiado pelas alamedas, conduzindo ao interior do Ossário Geral, onde, num labirinto de mármore, projeta-se um vídeo de Hélio Oiticica ligado a um texto do artista sobre morte. Ocorre que o mesmo Ossário Geral é o lugar onde estão depositadas as mais de mil ossadas encontradas na vala clandestina de Perus, onde foram jogados, durante a ditadura, corpos de militantes assassinados, indigentes destituídos de qualquer cidadania, vítimas de violência policial em geral e outras formas de morte censurada (vítimas de epidemias não declaradas), tudo num todo indistinto sobre o qual a sombra permanece até hoje. “Penetrável Genet” promove uma impactante ida até esse Hades sublime, terrível, que se dá na vala sombria da memória histórica. No Dia de Finados fez-se ali um ato pela memória e pela identidade desses mortos. No dia seguinte inaugurar-se-ia a instalação. Na madrugada do 2 para o 3 de novembro o Ossário foi invadido, a instalação, depredada e pichada, e ossadas do columbário espalhadas pelas vias da necrópole. Fiz questão, aqui, de não dar a esse fato gravíssimo, que sinaliza com violência contra a simbolização e o esclarecimento do massacre escamoteado, uma precedência sobre a manifestação de vida que se irradia pela cidade, luminosa o suficiente para incluir nela o cemitério. Porque é isso mesmo que nos permitirá atravessar e desfazer essa zona de fantasmas do passado e do presente, cuja atualidade ninguém duvidará que é gritante.

Texto de Ivan Seixas: A Vala Clandestina de Perus:

A Vala Clandestina de Perus

As famílias de presos políticos mortos e desaparecidos durante a ditadura militar, implantada pelo golpe de 1964, sabiam da existência da Vala Clandestina dentro do Cemitério Dom Bosco, em Perus, bairro da zona oeste de São Paulo, desde a metade da década de 1970. Nunca denunciaram sua existência para não prejudicar as investigações que faziam secretamente para localizar os demais desaparecidos políticos e para que o regime não destruísse as provas de seus crimes. O país ainda estava nas mãos dos militares, com os DOI-CODIs ativos e o terrorismo de Estado imperando sobre nossa população. Com a redemocratização, as coisas começaram a ter solução. Menos a questão dos desaparecidos, que ainda era pedra intocada e um tema tabu. E ainda é. No período em que Luiza Erundina foi prefeita de São Paulo, período 1988 a 1992, o jornalista Caco Barcellos pesquisava para um livro [ROTA 66, 1990] sobre a violência da Polícia Militar, e notou estranhas coincidências dessa prática com as mortes de ativistas políticos contra a ditadura. Descobriu a seguir que o cemitério de Perus, depósito dos mortos de sua investigação sobre a PM era o mesmo local que escondia os corpos dos assassinatos cometidos pelos militares. O mesmo modus operandi e o mesmo local de desova de vítimas de ambos os crimes. Revelou, então, a Vala Clandestina de Perus. Para saber com exatidão o local do crime cometido pelos ditadores, Caco Barcellos teve a ajuda imprescindível de Antônio Eustáquio, administrador do cemitério no período pós ditadura. A abertura pública da Vala foi determinada e, no dia 4 de setembro de 1990, o mundo conheceu mais uma face

monstruosa da ditadura. Ali estavam, pelo menos, seis militantes políticos e mais de 1500 pessoas pobres das periferias, que tiveram sua cidadania cassada pela ditadura sob denominação discriminatória de indigentes. Por serem pobres e não terem condições de pagar por uma sepultura, aquelas pessoas passavam a não ter o direito de um local de sepultamento para suas famílias lembrarem que existiram. E essa discriminação contra a população pobre de nosso país ainda existe até os dias de hoje. Na Vala Clandestina do Cemitério de Perus foram enterradas as pessoas vítimas da violência policial da ditadura, as pessoas mortas por epidemias escondidas pela censura da ditadura militar e seis militantes políticos. O camponês Dênis Casemiro, o operário gráfico Dimas Antônio Casemiro (irmão de Dênis), o marinheiro Grenaldo Jesus Silva e os estudantes Flávio de Carvalho Molina, Frederico Eduardo Mayr e Francisco José de Oliveira. Até hoje apenas Dênis, Flávio e Frederico foram identificados e seus restos mortais entregues para suas famílias. As famílias de Grenaldo, Francisco e Dimas Casemiro ainda esperam o direito de enterrar seus mortos. A sociedade brasileira, que repudia a violência atual das polícias contra sua população pobre das periferias, ainda espera a identificação desses brasileiros. Por uma simples questão de Justiça! Neste edifício, ironicamente parte de um cemitério de pessoas ricas, estão guardadas as ossadas dos pobres de São Paulo e dos militantes políticos de esquerda, mortos pela ditadura militar, que foram escondidos na Vala Clandestina de Perus. Sobraram os restos mortais de 1046 pessoas, que ainda aguardam para serem periciados. Ivan Seixas São Paulo, outubro de 2013.

Links Imprensa:

A Polícia Federal a pedido de da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo e da Comissão Nacional da Verdade, entra para investigar o crime cometido contra o Penetrável Genet e as ossadas guardadas no Araçá!

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/noticias/index.php?p=160771

http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/11/violacao-dos-direitos-humanos-se-reflete-em-atos-de-violencia-nas-periferias-e-em-araca-2186.html?fb_action_ids=10201529939462815&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1366298-obra-em-homenagem-a-vitimas-da-ditadura-militar-e-vandalizada-em-sp.shtml>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201514555278220&set=a.3813835576863.2152667.1006741927&type=1&theater>

<https://www.google.com.br/search?q=penetr%C3%A1vel+genet+tv+cultura&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=abzU56mEJHksAT6lYGIBA&ved=0CGgQsAQ&biw=1145&bih=547>

<http://www.revistabrasileiros.com.br/2013/11/01/projeto-propoe-ao-visitante-experiencia-artistica-dentro-do-cemiterio-do-araca/>

<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/11/vandalismo-adia-abertura-de-exposicao-dedicada-a-desaparecidos-politicos-8213.html>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10202580754704182&set=a.1272920107207.2041132.1356054892&type=1&theater>
<http://vitruvius.com.br/jornal/agenda/read/4755>
http://www.memorialdaresistencia.org.br/index.php?option=com_eventlist&view=details&id=36:SR231113&Itemid=11